

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 36 No. 2 Maio - Agosto 2023

ARTIGO

A ESTEARIA DO FORMOSO: UMA NOVA FASE DA TRADIÇÃO INCISO-PONTEADA/ARAUQUINOIDE NO MARANHÃO

Alexandre Guida Navarro*

RESUMO

Este artigo debruça-se sobre a estearia do Formoso, um sítio arqueológico pré-colonial, formado por palafitas, na região estuarina da Baixada Maranhense. A análise do material cerâmico deste sítio evidenciou características tecnológicas semelhantes à da Tradição Inciso-Ponteada/Arauquinoide, indicando uma nova fase desta tradição arqueológica. Nesse sentido, sugere-se uma nova fronteira geográfica para a dispersão da tradição, sendo o Maranhão a porção mais oriental dessa expansão. A análise espacial do assentamento mostrou uma área linear conectada, possivelmente por uma ponte, a outro conjunto circular. O estudo dos artefatos coletados corroborou para a interpretação de que a área linear é um espaço mais cerimonial, enquanto a circular é mais residencial. A estearia do Formoso apresenta uma forma inédita de habitação indígena nunca antes descrita na Arqueologia das Terras Baixas da América do Sul.

Palavras-chave: estearias; Baixada Maranhense; Tradição Inciso-Ponteada/Arauquinoide; fase Formoso.

* Professor do Departamento de História (DEHIS), da Pós-Graduação em História e Conexões Atlânticas (PPGHIS) e Coordenador do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professor do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). E-mail: altardesacrificios@yahoo.com.br.
ORCID: [0000-0001-8223-2144](https://orcid.org/0000-0001-8223-2144).

CONSERVATION AND ARCHEOLOGY BETWEEN 1855 AND 1961: POINTS OF CONTACT

ABSTRACT

This article focuses on the Formoso stilt village, a pre-colonial archaeological site formed by stilts in the estuarine region of Baixada Maranhense. The analysis of the ceramic material from this site revealed technological characteristics of the Incised-Punctate/Araquinoid Tradition, indicating a new phase of this archaeological tradition. In this sense, a new geographic frontier is suggested to disperse this tradition, with Maranhão as its easternmost portion of the expansion. The spatial analysis of the settlement showed a linear area connected, possibly by a stilt bridge, to another circular set. The study of the collected artifacts confirmed to interpret that the linear area is a ceremonial space, whereas the circular area is residential. The Formoso stilt village presents an unprecedented form of indigenous habitation never before described in the Archeology of the Lowlands of South America.

Keywords: stilt villages; Baixada Maranhense; Incised-Punctate/Araquinoid Tradition; stilt village Formoso phase.

CONSERVACIÓN Y ARQUEOLOGÍA ENTRE 1855 Y 1961: PUNTOS DE CONTACTO

RESUMEN

Este artículo se centra en la vivienda sobre palafitos del Formoso, un sitio arqueológico precolonial formado por pilotes en la región de estuario en Baixada Maranhense, en la Amazonía de Brasil. El análisis del material cerámico de este sitio presenta características tecnológicas de la tradición Inciso-Punteada/Araquinoide, indicando una nueva fase de esta tradición arqueológica. En ese sentido, se sugiere una nueva frontera geográfica en la dispersión de esta tradición, y Maranhão representa la porción más oriental de su expansión. Además, el análisis espacial del asentamiento mostró un área lineal conectada por un otro conjunto circular, posiblemente conectado por un puente. El estudio de estos artefactos corroboró la interpretación de que el área lineal es un espacio más ceremonial, mientras que el área circular es más residencial. La vivienda de palafitos del Formoso presenta una forma de habitación indígena sin precedentes nunca antes descrita en la Arqueología de las Tierras Bajas de Sudamérica.

Palabras clave: palafitos; Baixada Maranhense; Tradición Inciso-Punteada/Araquinoide; fase Formoso.

Os pilares apodrecidos da Cidade do Lago podiam ser vistos
ao longo das margens quando as águas baixavam na seca.

J. R. R. Tolkien, *O Hobbit*

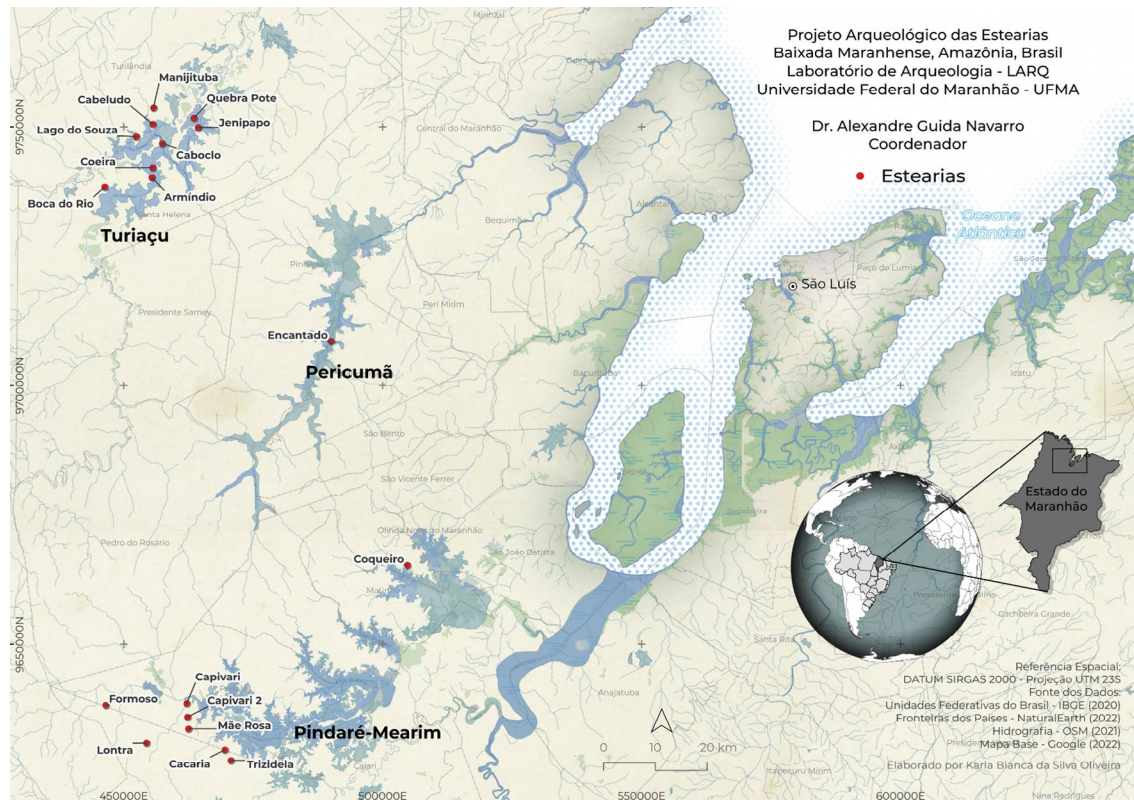
O QUE SÃO AS ESTEARIAS?

As estearias são sítios arqueológicos únicos no contexto das terras baixas da América do Sul. Seu nome é derivado dos pilares ou estacas de madeira, i.e., *esteios* propriamente ditos, que sustentavam as aldeias construídas dentro de lagos e rios da região estuarina da Baixada Maranhense, com a finalidade de evitar seu contato com as águas (MORAES, 2021; NAVARRO, 2016; 2017, 2018a, 2018b; NAVARRO *et al.* 2017; SIMÕES, 1972). Estão localizadas em três bacias hidrográficas: a do Turiaçu, ao norte da Baixada, no município de Santa Helena/MA, onde estão as estearias da Boca do Rio, Cabeludo, Armíndio e Caboclo; a do Pericumã, na porção mais central da Baixada, no município de Pinheiro/MA, onde está a estearia do Encantado; e a do Pindaré-Mearim, mais ao sul, no município de Penalva/MA, onde se localizam as estearias da Cacaria, Trizidela, Capivari e a do Formoso (Figura 1).

Casas sobre palafitas são construídas até hoje na várzea amazônica. Relatos orais dos moradores da região e a consulta da literatura de viajantes e cronistas dos séculos XVII e XVIII ratificam a importância destes locais de moradia como uma história de longa duração, cuja estratégia é a de facilitar a captura de peixes, a principal fonte de alimentação dos ribeirinhos (D'ABBEVILLE, 2008 [1614]; D'ÉVREUX, 2008 [1615]; DANIEL, 2004 [1774-1776]) (Figuras 2 e 3).

Raimundo Lopes (1924, 1970) tornou estes sítios arqueológicos mundialmente conhecidos a partir da divulgação de uma cultura regional inédita no Brasil pré-colonial, já chamando a atenção para uma rede complexa de contato com povos do Baixo Amazonas, em especial Santarém e Marajó. Os muiraquitãs encontrados nestes sítios pelo geógrafo maranhense, e que se perderam devido ao trágico incêndio de 2018 do Museu Nacional (Rio de Janeiro/RJ), evidenciam estas esferas de interação. Um exemplar coletado na estearia da Boca do Rio em 2014 ratifica estas redes de intercâmbio cultural entre a Baixada Maranhense e o Baixo Amazonas e, possivelmente, o Caribe (NAVARRO *et al.* 2017).

Com relação à cronologia, as datações radiocarbônicas indicam que a maioria das aldeias foi construída entre 800 e 1100 AD, correspondendo, assim, ao período tardio da ocupação pré-colonial amazônica (NAVARRO 2018a, 2018b). No entanto, pelo menos uma estearia pertence ao Formativo, sendo datada entre o ano 1 e 200 AD (NAVARRO; ROOSEVELT, 2021). As formas cerâmicas e antiplástico deste sítio, constituído exclusivamente de cauxi na pasta cerâmica, contrastam com as do período tardio (Tabela 1).

Figura 1. Distribuição das estearias conhecidas na Baixada Maranhense.

Fonte: Acervo do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Maranhão (Larq-UFMA).

Figura 2. Estearia do Coqueiro na época da estiagem.

Fonte: Acervo Larq-UFMA.

Figura 3. Uma moradia sobre palafitas na atualidade. Fotografia de Herberth Figueiredo.

Fonte: Navarro *et al.* 2020.

Tabela 1. Datações radiocarbônicas das estearias.

Nome do sítio	Datação convencional	Data calibrada (2 sigma)	Data calendário (2 sigma)	Número Laboratório BETA
Estearias do Turiaçu				
Armíndio	930±30 BP	905-865 BP	1045-1085 AD	404757
Boca do Rio	1150±30 BP	1065-995 BP	885-995 AD	406836
Caboclo	1120±30 BP	1055-1015BP	895-935 AD	406835
Cabeludo	1160±30 BP	1065-960 BP	885-990 AD	430864
	1200±30 BP	1112-968 BP	838-982 AD	458479
	1020±30 BP	934-998 BP	1016-1152 AD	492361
	1050± 30 BP	963-899 BP	987-1051 AD	458480
	1130±30 BP	1058-932 BP	892-1018 AD	515391
	930±30 BP	844-730 BP	1106-1220 AD	515390
Jenipapo	1210±30 BP	1175-1130 BP	775-820 AD	406834
Lago do Souza	1950±30 BP	1926-1785 BP	24-165 AD	492358
	1820±30 BP	1785-1775 BP	165-175 AD	430862
	1990±30 BP	1938-1830 BP	12-120 AD	515392
Estearias do Pericumã				
Encantado	1230±30 BP	1180-1050 BP	770-900 AD	406837
	1220±30 BP	1180-1045 BP	770-905 AD	492359
Estearias do Pindaré-Mearim				
Coqueiro	1720±30 BP	1700-1655 BP	250-295 AD	430863
Trizidela	1140±30 BP	1060-936 BP	890-1014 AD	512412
Lontra	1150±30 BP	1065-954 BP	885-996 AD	512411
	1180±30 BP	1093-959 BP	857-991 AD	512407

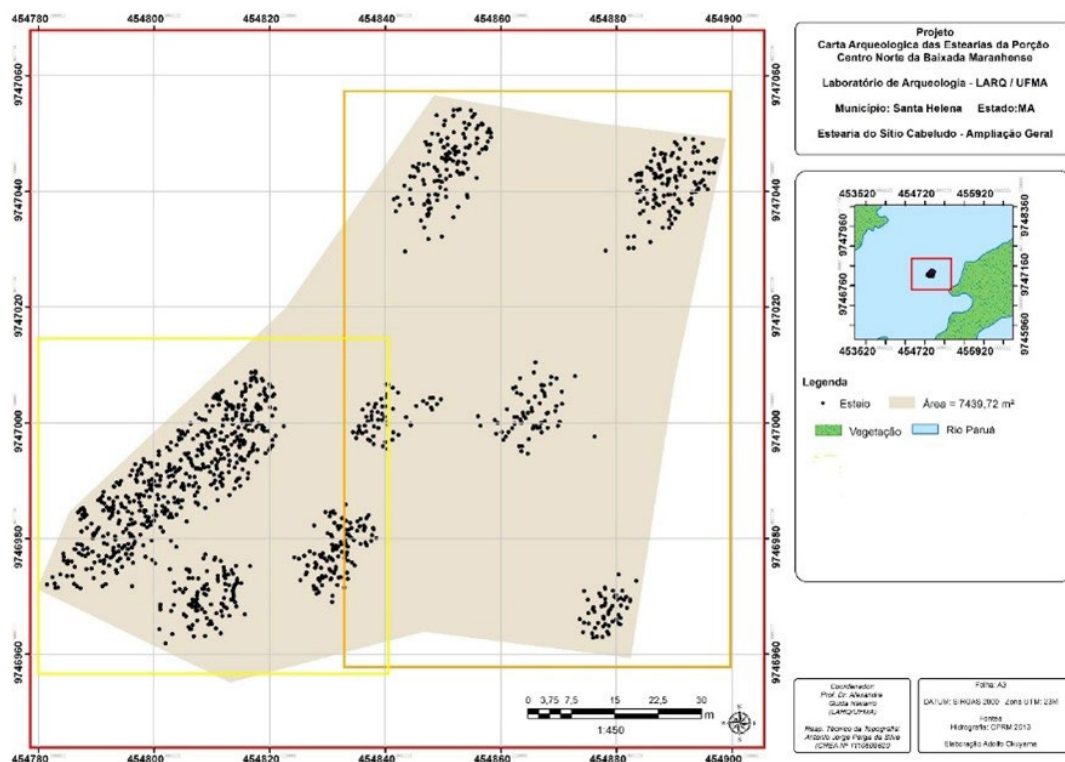
continua...

Tabela 1. Continuação

Nome do sítio	Datação convencional	Data calibrada (2 sigma)	Data calendário (2 sigma)	Número Laboratório BETA
Capivari	1280±30 BP	1189-1069 BP	761-881 AD	512410
Formoso	1300±30 BP	1270-1088 BP	680-862 AD	576496
	1330±30 BP	1292-1172 BP	658-778 AD	576497
	1300±30 BP	1270-1088 BP	680-862 AD	576498
	1190±30 BP	1094-962 BP	856-988 AD	576499
	1210±30 BP	1118-978BP	832-972 AD	576500
	1190±30 BP	1094-962 BP	856-988 AD	512409
	1130±30 BP	1058-932 BP	892-1018 AD	512408

O avanço no estudo das estearias concentra-se, principalmente, no formato das aldeias mapeadas (NAVARRO 2018a, 2018b). Estas, em geral, eram formadas por malocas residenciais conectadas por pontes a um espaço principal, maior, i.e., uma praça, constituindo uma grande aldeia linear. O material arqueológico está distribuído de forma hierárquica dentro do sítio, sendo que a concentração de artefatos com pintura policroma, estatuetas e muiraquitãs ocorrem destacadamente no espaço de maior concentração de esteios, i.e., possivelmente uma praça. Este é o padrão, por exemplo, do sítio Cabeludo, que possui 1.100 esteios. Dentro de um contexto etnológico, estas aldeias lembram aquelas lineares encontradas ao longo do Rio Amazonas pelos viajantes, como Carvajal (PORRO, 1993, 2017). No contexto arqueológico, lembram as aldeias marajoaras escavadas por Roosevelt (1991) (Figura 4).

Figura 4. Mapa da estearia do Cabeludo. Nota-se uma grande aldeia com um núcleo de maior concentração de esteios (possivelmente uma praça) na extremidade sudoeste do conjunto, formado por núcleos menores de esteios (possivelmente residências).



Fonte: Acervo Larq-UFMA.

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DO FORMOSO

O sítio arqueológico do Formoso está situado a 30 km da sede do município de Penalva, na região da Baixada Maranhense, dentro da Amazônia Legal. A estearia localiza-se sob as coordenadas 23M 0457079 UTM 9640305 e encontra-se no lago homônimo (Figura 5), cujas águas são alimentadas pelo Rio Pindaré, em uma bacia hidrográfica que abrange uma área de 40.000 km². Este rio possui 720 km de extensão, nasce na Serra do Gurupi e deságua no Golfão Maranhense (COSTA, K. *et al.* 2011).

Figura 5. O Lago do Formoso, com destaque para a estearia homônima.



Fonte: Acervo Larq-UFMA.

A Baixada Maranhense está dentro de uma Área de Proteção Ambiental (APA), compreendendo 35 municípios, com uma extensão equivalente a quase 20.000 km² (FARIAS FILHO, 2019). Caracteriza-se por um regime pluvial rígido, marcado por chuvas no primeiro semestre do ano e pela estiagem, no segundo; um claro ambiente de várzea amazônica (FRANCO, 2012). Por conta de sua formação geológica recente do Quaternário, constituída por um sistema paleorregional de costa, com depósitos fluviomarinheiros, a Baixada Maranhense configura um rosário de águas composto por bacias hidrográficas e lagos que se formam durante a cessão das chuvas (AB'SABER, 2006). Esta é a maior concentração de lagos do Nordeste.

A Baixada é considerada um sítio Ramsar desde 1971, em tratado assinado na cidade iraniana homônima, pois, por causa de sua paisagem úmida, proporciona as condições ideais para a migração de muitas espécies de aves de vários continentes, que se reproduzem neste rico ecossistema aquático. Como parte da Área de Endemismo de Belém, uma região fisiográfica entre os Rios Pindaré e Tocantins, com uma extensão de 243.000 km², a Baixada Maranhense se caracteriza por uma diversa e rica fauna, em que se destacam peixes, mamíferos, anfíbios, répteis e aves (MARTINS; OLIVEIRA, 2011; SILVA JÚNIOR; NAVARRO, 2020). Sobressaem, também, várias espécies manejadas pelo ser humano, sobretudo as palmeiras, como o buriti (*Mauritia flexuosa*), o açaí (*Euterpe oleracea* Mart.) e o babaçu (*Attalea speciosa*).

Os povoados da região são formados por populações tradicionais, pescadores, indígenas e remanescentes de quilombos e possuem uma rica expressão cultural, caracterizada pelo bumba-meu-boi. Contrastando com este rico contexto cultural, a Baixada Maranhense vem sendo ameaçada pela ineficácia da gestão pública, poluição dos recursos hídricos e ameaças ecológicas com o crescimento da criação de búfalos e o do plantio de arroz, além da caça predatória de alguns animais como

a jacanã (*Jacana jacana*), a onça-pintada (*Panthera onca*) e peixe-boi (*Trichechus manatus*) (MARTINS; OLIVEIRA, 2011; FARIA FILHO, 2019). Além disso, o assoreamento dos lagos por conta do desmatamento da mata ciliar, pela ação de fazendeiros que utilizam suas águas para a construção de açudes, é uma grave ameaça para a manutenção do equilíbrio ecológico destes sistemas hídricos.

É importante ressaltar, também, que o Lago do Formoso forma um complexo cenário folclórico para a população local, sendo povoado pelos *Encantados*, seres sobrenaturais, como os peixes-elétricos, chamados na Amazônia de poraquê (*Electrophorus electricus*), que seriam os guardiões do lago (ARAÚJO *et al.* 2015).

MAPEAMENTO DOS ESTEIOS

O mapeamento da estearia do Formoso baseou-se na mesma metodologia já utilizada nas estearias da bacia do Turiaçu, consistindo na delimitação dos esteios através de canoas com a marcação manual destes (NAVARRO, 2018a; 2018b). Após a colocação dos marcadores, em geral piquetes de palmeiras, estes ficam expostos sobre a lâmina d'água, sendo possível mapear o sítio a partir da estação total pelo topógrafo. A vantagem desta metodologia foi a possibilidade de realizar ao mesmo tempo a coleta de superfície de material arqueológico como vasilhames cerâmicos, líticos e até mesmo artefatos de madeira, como cabos de machado (Figuras 6 e 7).

Figura 6. Mapeamento da estearia do Formoso utilizando piquetes de madeira georreferenciados com estação total.



Fonte: Acervo Larq-UFMA.

O sítio arqueológico do Formoso possui 3.218 esteios distribuídos em um conjunto orientado na direção leste-oeste e distribuídos em uma área de dois hectares. A aldeia tem cerca de 300 m de comprimento, sendo que, na parte circular, seu diâmetro alcança os 100 m, enquanto na linear, alcançam os 140 m. O assentamento está formado por 14 conjuntos de esteios. A porção ocidental da aldeia possui 8 conjuntos de esteios que variam de 10 m a 17 m. Esses conjuntos formam um espaço circular, com destaque para o núcleo, i.e., *uma praça*, nitidamente o maior deles (o de número 14, segundo mapa da Figura 8), que mede 40 m de diâmetro. A distância entre os conjuntos varia de 13 m a 28 m. Esta porção circular da aldeia apresenta, também, na direção norte, uma abertura em forma de ferradura, de aproximadamente 44 m de comprimento. Estes conjuntos de esteios não estão conectados entre si, no entanto, alguns deles, como os conjuntos 5 e 7, parecem se conectar ao conjunto nuclear desta porção da aldeia. O núcleo 5, por sua vez,

está ligado ao conjunto 1, onde se inicia a aldeia linear por pontos de esteios, formando, ao que parece, uma ponte, unindo estes dois espaços.

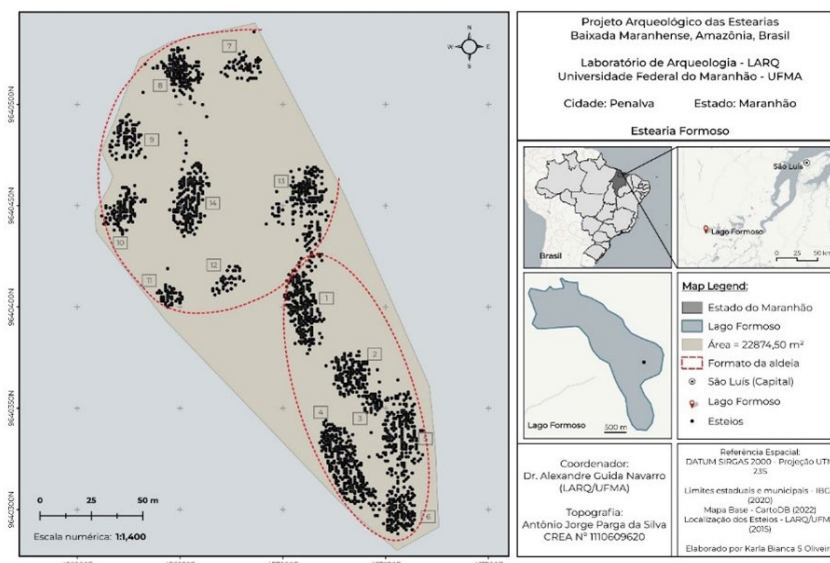
Já o setor oriental da aldeia apresenta seis conjuntos lineares de esteios (números 1 a 6), que variam de 4 m a 50 m, sendo, portanto, menos padronizado espacialmente em comparação a sua parte oposta, circular. Com relação à largura destes espaços, vê-se que eles também são mais desiguais do que na porção circular, variando de 4 a 28 metros. Assim como no setor circular — que tende a se fechar, mas que possui uma abertura na direção norte —, o conjunto oriental também tende a se fechar, formando uma *praça* retangular, com uma abertura no sentido oposto à da parte central, ou seja, na direção sul (Figuras 8 e 9).

Figura 7. Fragmentado de vasilhame bícromo (preto sobre engobo creme) coletado *in loco*.



Fonte: Acervo Larq-UFMA.

Figura 8. Mapeamento do sítio do Formoso, com mais de 3.000 esteios.



Fonte: Acervo Larq-UFMA.

Figura 9. O sítio do Formoso fotografado por um drone. Note-se, no centro da imagem, uma das canoas utilizada pela equipe.

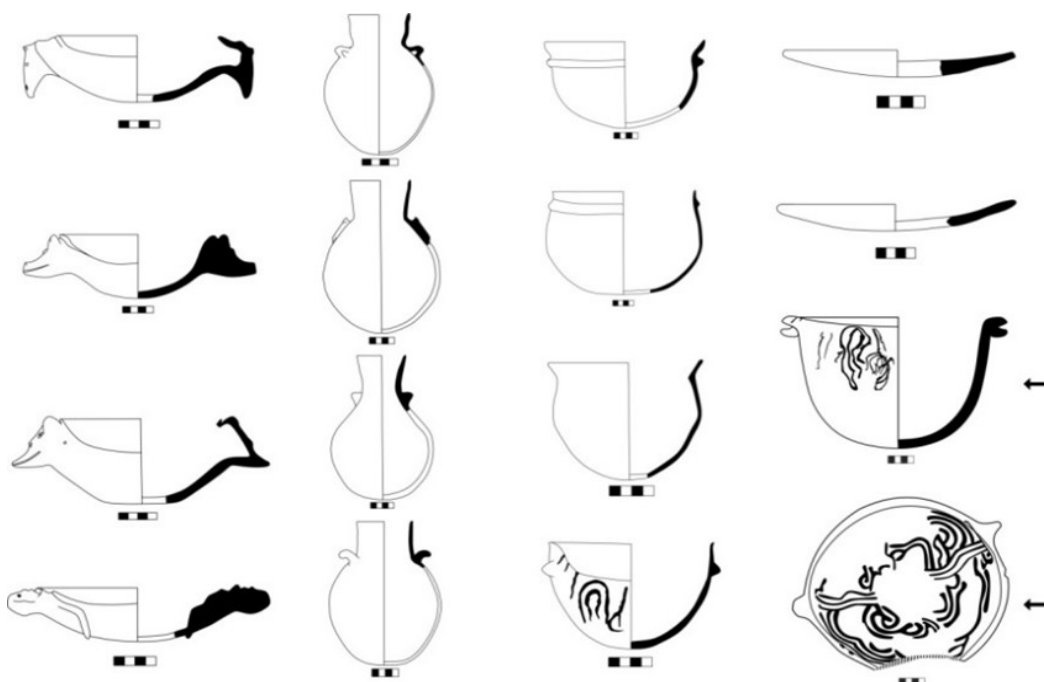


Fonte: Acervo Larq-UFMA.

ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO

A análise cerâmica do material arqueológico do Formoso foi realizada com base na classificação dos atributos tecnológicos, como bordas e lábios, conforme Shepard (1956) e Arnold (1985). Para a reconstituição do vasilhame — bem como para reconhecer a variabilidade das formas que indicam suas diferentes funções, como armazenamento, transferência de líquidos e cocção —, utilizaram-se as análises modais de Rice (1982) e Raymond (1995) (Figura 10).

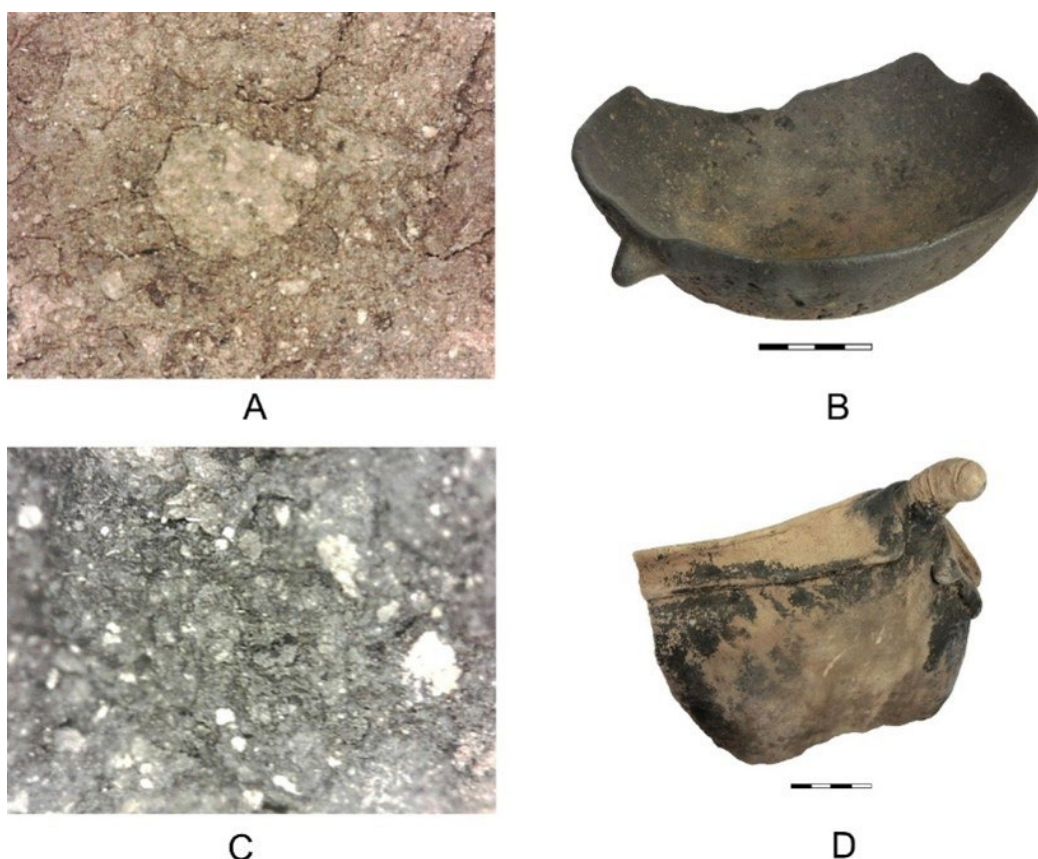
Figura 10. Principais formas cerâmicas da estearia do Formoso. Coluna 1 apresenta formas de calota, coluna 2, formas esféricas com pescoço e gargalo, coluna 3, as formas de meia-esfera, e as duas primeiras peças da coluna 4, formas rasas. Desenho de Mayara Rocha.



Fonte: Acervo Larq-UFMA.

Os antiplásticos que aparecem nos vasilhames da estearia do Formoso são o cauixi, minerais diversos e o caco moído, sendo este último o predominante. Em um dos conjuntos cerâmicos, aparece um uso abundante de mica, ausente nos demais (Figuras 11A e 11B). O típico apêndice mamiforme, característico das estearias, está amplamente representado na coleção (Figura 11C). As bordas predominantes são as diretas e extrovertidas, sendo os lábios arredondados e planos os mais comuns. Chama a atenção a quantidade expressiva de bordas cambadas (Figura 11D).

Figura 11. Antiplásticos, apêndice mamiforme e borda cambada da estearia do Formoso.



Fonte: Acervo Larq-UFMA.

A decoração pintada da cerâmica do Formoso é formada por grafismos abstratos, semelhante às das estearias do Turiaçu (Figura 7). A divisão do campo decorativo é feita, em geral, em duas bandas — a saber, a da borda e a do fundo da vasilha ou a de algum outro ponto do vaso e o fundo da vasilha —, mas sempre dividindo dois campos figurativos. A decoração da borda ou desse outro ponto do vaso mostra um motivo formado por linhas paralelas em movimento de translação, que separa o do fundo do vaso, com figurações geométricas que lembram ganchos entrecruzados. Navarro (2021) interpretou o uso dessas cores e o motivo de gancho como alusão à anaconda, animal este presente nas cosmologias amazônicas (Figura 12).

Veja-se a análise do material arqueológico coletado em cada conjunto de esteios. O número de peças coletado correspondeu ao tamanho de cada conjunto de esteios, sendo que os maiores apresentam mais peças. Dois conjuntos não foram amostrados por conta das chuvas que afetaram a região, já no período final da campanha de 2019. Pela extensão deste artigo, somente se apresentará a análise cerâmica, sendo que os líticos serão analisados em outro artigo.

Figura 12. Padrão decorativo da pintura cerâmica da estearia do Formoso.

Fonte: Acervo Larq-UFMA.

Grupo 1

O Grupo 1, datado entre 680-862 cal AD/1270-1088 cal BP¹, é um grande conjunto de esteios do sítio e de onde se coletou a maior quantidade de peças (225), sendo, também, o mais rico em variabilidade artefactual. A forma cerâmica predominante é a calota, seguida da forma meia-esfera — estas com marcas de crosta carbônica evidenciando cocção —, e formas esféricas. Foram coletados vários fusos (Figuras 13A e 13B). Este também é o conjunto de maior quantidade de peças pintadas, geralmente bícromas (preta sobre fundo branco) e às vezes policromas, com a adição de tinta vermelha — mas que não é o padrão. Em alguns exemplares, as linhas formam os típicos ganchos, sendo esta a composição clássica dos grafismos das estearias (Figura 13C). Foi coletado, também, um aplique de ave pintado com linhas horizontais pretas. Um tipo de apêndice antropozoomorfo, em especial, chama a atenção por ser inédito no conjunto das estearias até hoje estudadas. Trata-se de cabeças que lembram a de onças, com grandes orelhas e com os olhos e boca formados por incisão (Figura 13D). A bocarra sorridente desse personagem é instigante. Outras vezes, os seres humanos apresentam narinas proeminentes, que, confeccionados pela técnica da incisão e ponteados, podem ser uma alusão ao uso de alucinógenos, como vem assinalando Navarro (2018a) para outros artefatos com destaque para estes orifícios (Figura 13E). As calotas desse conjunto também são um destaque: são artefatos muito grandes, provavelmente utilizados para servir, e que apresentam um aplique em forma de cauda de peixe, até agora nunca encontradas antes nas estearias já pesquisadas (Figura 13F). Uma estatueta encontrada nesse conjunto, que possui uma depressão na região do ventre sugerindo uma possível associação com o uso de aspersão de alucinógeno, representa um ser antropozoomorfo,

¹ Todas as datações por carbono-14 (C¹⁴) do sítio do Formoso foram realizadas por espectrometria de massas com aceleradores (mas) e obtidas através de amostras de madeira dos esteios, com exceção da amostra do Grupo 2, obtida através do resto de crosta carbônica na superfície externa de um vaso cerâmico. Ambos os tipos de materiais datados são contemporâneos.

lembrando a estatueta de macaco do sítio Armíndio, no Rio Turiaçu, que também possui tal depressão na região ventral (Figura 13G). Há, ainda, um orifício vazado na região do ombro do personagem, o que indica seu uso suspenso, assim como várias estatuetas também encontradas na região do Rio Turiaçu. Algumas dessas vasilhas também têm a forma de arraias, outras com apliques mamíferos; há ainda uma cauda de jacaré, um sapo, porcos-do mato (Figura 13H), caudas de peixe-boi (Figura 13I), golfinhos, gavião, tartarugas e urubus-rei com sua típica crista recobrimdo o bico (Figura 13J) e caudas enroladas de possíveis mamíferos. Uma dessas calotas tem duas cabeças de ave, sendo que cada uma delas olha para uma direção, o que fornece ao observador uma ideia de simetria ou dualidade; um artefato semelhante foi encontrado também no sítio do Armíndio, no Rio Turiaçu. Há formas rasas que representam assadores e com marcas de cestaria (Figura 13K), alguns exemplares com flanges mesiais (Figura 13L) e artefatos com apliques antropomorfos, em que os braços do personagem envolvem o artefato, formando as suas asas, ou que têm suas mãos apoiadas no lábio (Figura 13M). Um desses personagens possui uma barba. Esse conjunto evidenciou uma grande quantidade de fragmentos e vasos completos com gargalos (Figura 13N). Há artefatos de tipo miniatura e, também, coletaram-se quatro cachimbos (Figura 13O). Foi coletado, também, um peculiar artefato que figura um animal híbrido cuja cabeça tem um dos lados com a forma de uma ave e, no lado oposto, a de um réptil. (Figura 13P). Artefatos cerâmicos formados por apêndices antropomorfos. Recuperaram-se, também, dois cabos de machado em madeira, tendo um deles a lâmina ainda encabada. Além disso, encontraram-se outras 73 peças líticas polidas, entre lâminas de machado e batedores (Figuras 13Q).

Grupo 2

O Grupo 2, que está datado entre 857-991 cal AD/1093-959 cal BP, apresenta um conjunto de artefatos parecidos com o do Grupo 1, mas com menor frequência. Como nos demais grupos, destacam-se os artefatos de tipo calota, utilizados para servir e, portanto, sem marcas de cocção ou fuligem. Estes artefatos têm apliques em forma de arraia, de mamíferos, de aves, com cauda de peixe-boi e jacaré, em forma de tartaruga e um em forma de veado, único em toda a coleção das estearias. As formas de meia-esfera têm marcas de cocção, e apresentam muita fuligem ou crosta carbônica. As peças pintadas diminuem nesse conjunto e se caracterizam pelas mesmas formas geométricas características do Grupo 1 (Figura 13R). Destaca-se uma calota com um aplique de ave pintado de preto. Há também os apliques antropomorfos com rostos humanos com grandes orelhas e bocarras. Um deles chama a atenção, pois joga com a simetria e dualidade: pode ser tanto um ser humano com presas, como um mamífero cujas presas viram as orelhas se o artefato for girado em 90° (Figuras 13S e 13T). Algumas calotas possuem apliques antropomorfos, como se seu corpo fosse o próprio artefato, assim como também aparece no Grupo 1. Foram coletados, também, 42 líticos, entre batedores e lâminas de machado.

Grupo 3

Datado entre 892-1018 cal AD/1058-932 cal BP, o material proveniente deste grupo compreende 56 peças. Predomina a forma de calota com os antiplásticos de caixi, caco moído e mineral, como nos grupos anteriores, dentre os quais há um destaque para a mica, que não aparece em outros conjuntos. Outras formas de vasilhames encontrados neste conjunto são a meia-esfera e os esféricos, com destaque para os

gargalos com presença de marcas de fuligem, além de formas rasas ou assadores. Chamam a atenção, neste conjunto, os braços das figurações zoomorfas, que saem do lábio e formam flanges mesiais. Há, também, apliques zoomorfos formados por peixes (arraias), caudas bifurcadas de peixes e mamíferos, além dos antropozoomorfos, que são constituídos por figurações com rostos expressivos, em que se destaca um personagem com longos braços em movimento, parecendo emergir das profundezas do próprio vasilhame. Outros tipos de vasilhame que aparecem neste grupo são os fusos, asas e formas ovóides. Há muitos artefatos com pintura bícroma, aparecendo, às vezes, a cor vermelha. Foram coletados 12 artefatos líticos, entre lâminas de machado e batedores.

Grupo 4

O Grupo 4, datado entre 658-778 cal AD/1292-1172 cal BP, é outro grande conjunto dentro do sítio. A forma de vasilhame que se destaca é a calota, com seus típicos apliques de animais, como as caudas de peixe e de jacaré, além de tartaruga, arraia e mamíferos, como o porco-do-mato. Há peças com pinturas com a típica cor preta em motivos geométricos sobre engobo creme. As vasilhas de forma meia-esfera possuem marcas de fuligem, o que indica que sofreram cocção. Algumas peculiaridades deste conjunto chamam a atenção: um vasilhame esférico possui um personagem antropomorfo modelado no bojo da peça, e o indivíduo parece emergir de um local profundo, utilizando seus longos braços para sair desse espaço, do qual parece querer se ejetar, como ocorre também em uma peça do Grupo 3. Bordas cambadas estão mais presentes neste conjunto do que nos demais. Estas bordas acabam formando partes da estrutura corporal dos mamíferos e répteis, como é o caso das tartarugas, que, em geral, se diferenciam dos demais conjuntos por possuírem garras afiadas (Figura 13U), parecendo estar em posição de ataque. Há assadores e bastantes vasilhames esféricos, alguns com apliques de animais. Este conjunto também se destaca pela presença de flanges mesiais. Foram recuperados 36 líticos, entre batedores e lâminas de machado.

Grupo 5

Este grupo, datado entre 856-988 cal AD/1094-962 cal BP, apresenta oito peças. Predominam os vasilhames do tipo calota com os típicos temperos: cauxi, mineral e caco moído. Os apliques zoomorfos são comuns, destacando-se os mamíferos, como o porco-do-mato, e as aves. Foi coletado um aplique antropozoomorfo sem a cabeça e com a presença do ânus. Foram coletados 13 líticos, entre batedores e lâminas de machado.

Grupo 6

Coletaram-se somente três peças neste conjunto de esteios. Predomina o vasilhame de tipo calota, com os antiplásticos de cauxi, minerais diversos e o caco moído. Os apliques zoomorfos correspondem a arraias e caudas bifurcadas de outros peixes.

Grupo 7

Deste grupo, datado entre 680-862 cal AD/1270-1088 cal BP, foram coletadas 20 peças, cuja forma predominante é a calota, com os antiplásticos cauxi, mineral e caco moído, sendo que as espículas de esponja sobressaem nestas peças. Aparecem os típicos apliques zoomorfos de mamíferos, anfíbios e répteis, e um aplique antropomorfo com lábio repuxado, formando uma cabeça alongada que lembra

um crânio intencionalmente deformado (Figura 13V). Neste caso, os braços formam a asa do vasilhame. Um artefato em forma de tartaruga está pintado de preto. Fragmentos de vasilhas que correspondem a gargalos também foram encontrados neste conjunto, além de uma lâmina de machado polida.

Grupo 8

Foram coletados 17 fragmentos cerâmicos, sendo que a forma predominante é a esférica, com destaque para os fragmentos de vasilhas com gargalos, além da forma meia-esfera, todos estes com marcas de fuligem. Vasilhames em forma de calota não são expressivos neste grupo. Apesar dos antiplásticos constituírem também a tríade cauixi, mineral e caco moído, há um uso expressivo de espículas de esponja neste conjunto. Assim como no Grupo 11, há os característicos apliques de mamíferos que mostram suas afiadas garras. Outros apliques zoomorfos também são abundantes: mamíferos, peixes, aves, sendo que deste último grupo chama a atenção um exemplar de urubu-rei. Foi coletado, por último, um fragmento bícromo e um com um orifício vazado. Foram coletadas três lâminas de machado e batedores.

Grupo 11

Neste conjunto de esteios, datado entre 856-988 cal AD/1094-962 cal BP, coletaram-se 39 fragmentos cerâmicos. Os antiplásticos dominantes são o cauixi, o mineral e o caco moído, e as formas predominantes são as calotas. Estes vasilhames apresentam apliques zoomorfos, como os mamíferos (porcos-do-mato), os peixes (arraias), aves (sobretudo coruja, sendo que uma ave está olhando para o lado, em perspectiva, semelhante ao do Grupo 1). Vasilhames esféricos com gargalos também aparecem neste conjunto, além de vasilhames em forma de meia-esfera, com asa e flanges mesiais. Os modelados zoomorfos de mamíferos deste conjunto têm a característica peculiar de um possível gesto de ataque, em que fica nítida a representação das garras dos animais, semelhantes aos dos Grupos 4 e 8. Foram coletados 12 líticos, entre lâminas de machado e batedores.

Grupo 13

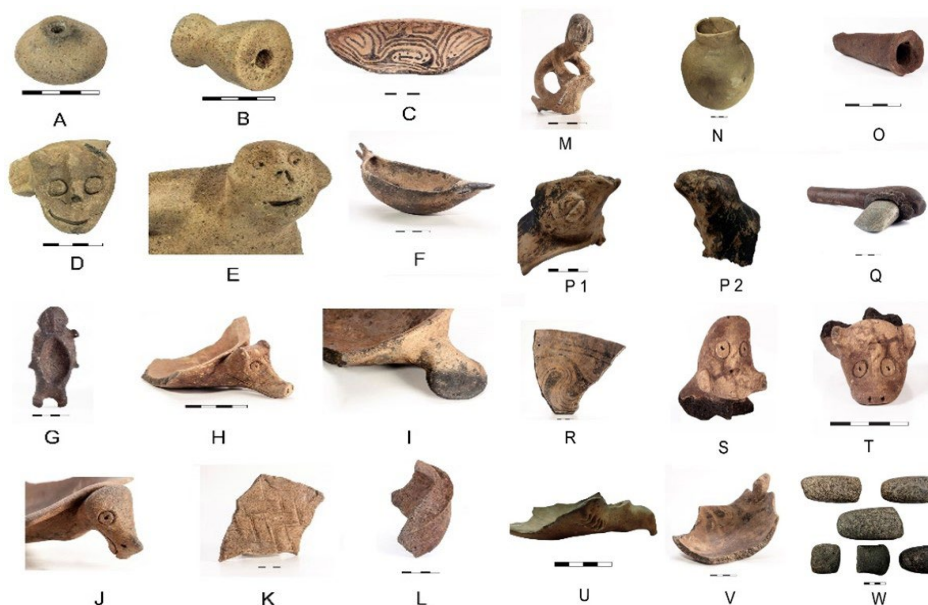
Somente se coletaram quatro fragmentos cerâmicos neste grupo. Os antiplásticos destes materiais são o cauixi, mineral e caco moído, sendo as calotas os tipos de vasilhames que predominam neste conjunto. Foi encontrado um aplique antropozoomorfo, outro zoomorfo em forma de golfinho e um fragmento de artefato em forma de meia-esfera, com asa e marca de fuligem. Foram encontradas duas lâminas polidas de machado.

Grupo 14

Neste grupo, datado entre 832-972 cal AD/1118-978 cal BP, foram coletados 26 fragmentos cerâmicos. Os antiplásticos que formam as cerâmicas deste grupo são o cauixi, o mineral e o caco moído. Os tipos de vasilhames que predominam são as calotas. Destaca-se um exemplar com lábio repuxado, arrematado por um modelado em forma de cabeça antropomorfa alongada, assim como aparece no Grupo 7. Há também exemplares de fusos, gargalos e vasilhames esféricos e meia-esfera com marcas de fuligem e modelados com apliques zoomorfos, como arraias e caudas de peixes, aves e mamíferos, além de uma pata de anfíbio. Foram coletados cinco fragmentos com pintura preta sobre fundo creme, alguns com restos de resina. Apliques antropozoomorfos

caracterizados por um animal com focinho, rosto humanizado e orelhas pontiagudas (como a Figura 13D) também fazem parte dos espécimes deste grupo. É o grupo com maior quantidade de líticos, tendo sido coletados 99 exemplares, entre lâminas de machado e batedores (Figura 13W).

Figura 13. Variabilidade artefactual da estearia do Formoso.



Fonte: Acervo Larq-UFMA.

DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO

A estearia do Formoso parece ser um sítio da Tradição Inciso-Ponteada/Arauquinoide. Arauquín é uma região do médio Orinoco, Venezuela, que deu nome ao horizonte, à tradição, e, ainda, às series Arauquinoide, definidas por Cruxent e Rouse (1958-1959). Segundo Lathrap (1970), os povos desta tradição arqueológica teriam se dispersado amplamente nas terras baixas da América do Sul, concentrando-se mais na sua porção nordeste. As características arqueológicas para definir esta tradição baseiam-se nas seguintes tecnologias cerâmicas: 1) O uso de cauixi como antiplástico na pasta da argila; 2) A utilização de ferramentas para produzir incisão e pontos que formam a decoração plástica do artefato; 3) A grande predileção pelos modelados, sobretudo apliques zoomorfos e antropomorfos, que aparecem tanto no lábio quanto no bojo do vasilhame; e 4) A policromia pode aparecer, embora não seja uma regra. Segundo Roosevelt (1997), a série Arauquinoide se caracteriza por um adensamento populacional nas terras baixas do Nordeste da América do Sul, em detrimento das sociedades anteriores, que correspondiam à série Saladoide-Barrancoide.

A Tradição Inciso-Ponteada/Arauquinoide estende-se desde o nordeste das terras baixas da América do Sul, incluindo o Orinoco e as Guianas, passando pelo norte da Colômbia e Caribe, a Amazônia Central, o Baixo Amazonas (Santarém, Konduri, Aruã e Maracá) e as Antilhas, entre aproximadamente 1000 e 1500 AD. (CRUXENT; ROUSE, 1958-1959; GOMES, 2002; GUAPINDAIA, 2008; LATHRAP, 1970; MEGGERS; EVANS, 1957, 1961; ROOSEVELT, 1980, 1997; ROSTAIN, 2010 WILLEY, 1971;). Segundo Roosevelt (1997), a ênfase na incisão, o uso de espículas de esponja e a ênfase

na decoração plástica focando animais e seres humanos seria um estilo ancestral da série Barrancoide ou Tradição Borda Incisa.

Segundo Roosevelt (1997), os sítios da Tradição Inciso-Ponteada/Araquinoide, juntamente com os sítios da Tradição Polícroma (cerca de 400 a 1300 AD), corresponderiam às duas tradições das Terras Baixas da América do Sul formadas pela expansão de sociedades caracterizadas pelas chefaturas. Ainda segundo essa arqueóloga, a diferença do material arqueológico entre ambas as tradições é tão grande que não existiria uma conexão histórica entre suas origens (a não ser as esferas de interação que mantiveram), sendo a Tradição Polícroma originária da Foz do Amazonas e a Tradição Inciso-Ponteada/Araquinoide, do Orinoco. No entanto, a origem da Tradição Inciso-Ponteada ainda não está clara, mas o uso de espículas definitivamente a coloca dentro de uma região de estuários de floresta tropical (ROOSEVELT, 1997).

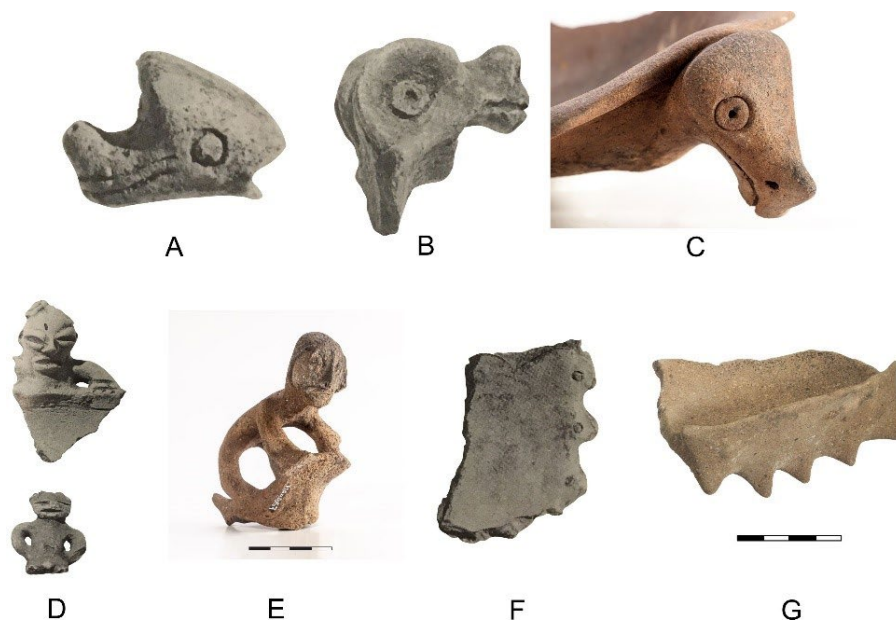
Segundo Lathrap (1970), a Tradição Inciso-Ponteada seria representada por povos falantes de línguas do tronco Karib, mas, como bem alerta Roosevelt (1997), não há razão para supor que somente um único grupo linguístico estivesse associado exclusivamente a uma única tradição. Segundo a autora, as semelhanças entre os estilos regionais de uma tradição devem-se muito mais às alianças ou inimizades entre os grupos envolvidos em contatos. Aliás, os mesmos estilos cerâmicos são utilizados por povos de diferentes línguas e diferentes sistemas adaptativos em amplos sistemas regionais de interação, como acontece no Alto Xingu (BLACK *et al.* 1983; HECKENBERGER, 2005).

Em Parmana, Roosevelt (1997) identificou a Fase Camoruco (800-1000 AD) como sendo Araquinoide. Houve uma mudança na pasta cerâmica da fase predecessora, a Corozal, com um incremento na adição de espículas, pintura marrom, incisões retilíneas e um aumento nas figurações humanas naturalistas e efígies. Segundo esta autora, estes novos traços cerâmicos, distintos dos anteriores, teriam vindo de fora da área de influência de Parmana e foram rapidamente absorvidos na região. Características tecnológicas das vasilhas cerâmicas da fase Camoruco são muito parecidas às das estearia do Formoso, como: 1) Uso de cauxi na pasta cerâmica; 2) Incisão e ponteados, sendo a primeira caracterizada por uma forma em “V”, que é diferente da série Barrancoide, em “U”; 3) Pouca pintura policroma; 4) Abundância de apliques zoomorfos com uma incisão na boca e um ponteados nos olhos circulares também incisos; 5) Lábios repuxados formando bordas cambadas; 6) Apliques antropomorfos caracterizados por seres humanos com os braços laterais em direção à barriga, formando, às vezes, a asa do recipiente; e 7) Estatuetas com os olhos incisos em forma de grão de café (Figura 14).

Roosevelt (1997) fornece algumas explicações para a profusão de modelados zoomorfos na Tradição Inciso-Ponteada/Araquinoide. A primeira seria uma evidência do consumo de proteína, para complementar a dieta indígena baseada essencialmente em grãos, vegetais e tubérculos. Os animais representados seriam aqueles que serviam de alimentação; nesse sentido, os modelados refletiriam o controle social sobre os recursos faunísticos disponíveis para o consumo humano. A outra explicação plausível paira sobre uma vertente simbólica cujos animais representados na cerâmica estariam conectados a rituais ou ao tabu. Para isto, a autora utiliza a etnografia amazônica para explicar que as sociedades indígenas atuais utilizam os animais em comunicação com outros planos através do uso de alucinógenos, como é o caso do Mestre dos Animais, que possui poder punitivo sobre a saúde humana, a fertilidade e a abundância de alimentos (HUGH-JONES, C., 1979; HUGH-JONES, S., 1979; REICHEL-DOLMATOFF, 1971; ROOSEVELT, 1995; 1997; ROTH, 1915). Os apliques antropozoomorfos poderiam ser, desse modo, uma alusão a esta entidade chamada de Mestre dos Animais e a animais

mitológicos que falam e interagem com o ser humano. A combinação de animais e humanos revelaria, também, o poder de transformação xamânica, cujo xamã necessita da ajuda dos animais para se comunicar com os espíritos ancestrais. Nesse sentido, o exemplar cerâmico do Grupo 1 da estearia do Formoso poderia ser uma alusão desse processo de metamorfose corporal (Figura 13P). Os vasilhames cerâmicos que contêm estes modelados poderiam ser os recipientes utilizados por esses xamãs em suas cerimônias ritualísticas.

Figura 14. Caracterização da cerâmica Inciso-Ponteadada/Arquinoide.



Fonte: Acervo Larq-UFMA, Rostain (2010) e Roosevelt (1997).

A Tradição Arauquinoide também está presente na costa das Guianas e no Suriname e esteve associada aos montículos com aldeias circulares e campos elevados (COUTET, 2016; ROSTAIN, 2016; ROSTAIN; VERSTEEG, 2004). Segundo Rostain (2016), os povos Arauquinoide confeccionaram suas cerâmicas de uma forma homogênea. Ainda segundo o mesmo autor, esta tradição se caracteriza por uma continuidade geográfica, cronológica e cultural ao longo da costa das Guianas desde 600 AD (Fase Hertenrits), mas a grande maioria dos sítios foi construída entre 800 AD até o período colonial, sendo que as principais fases são Kwatta (810-1055±30 AD.), Barbakoebe (960-1125±30 AD) e Thémire (1440-1690±30) AD. Para esse arqueólogo, as cerâmicas têm as mesmas características descritas anteriormente por Roosevelt (1995, 1997) e daquelas do Formoso: 1) Abundância de modelados zoomorfos; 2) Lábios repuxados formando ondulações na borda e lábios dentados; e 3) Uso de cauixi como antiplástico.

Em sua tese, Coutet (2011) propôs uma caracterização técnico-estilística para a cerâmica Arauquinoide em sítios da fase Barbakoebe e Thémire para saber se havia semelhanças e diferenças nos gestos de fabricação dos vasilhames. Por exemplo, no que diz respeito ao acabamento, as principais técnicas identificadas foram o polimento, alisado, brunidura e aplicação de engobo, as mesmas utilizadas na estearia do Formoso. Chama a atenção para: 1) O uso de caco moído como antiplástico, sendo pouco recorrente o cauixi e caraipé; 2) Vasilhames com formas de calota e esféricas; 3) Decoração plástica

focada nos modelados de animais, como anfíbios e tartarugas; 4) Recorrência de cerâmica figurando seres antropomorfos; 5) Escassez da pintura vermelha; e 6) Uso de um cordão modelado que pode dar forma a braços de humanos ou animais, os mesmos descritos por Roosevelt (1997) e que também aparecem na estearia do Formoso (Figuras 14D e 14E). Coutet (2011) encontrou pintura policroma nos sítios da fase Thémire, a mais recentes da Tradição Araquinoide da Guiana e Suriname, o que interpreta como uma influência da Tradição Policroma nestas regiões. Para explicar este contexto, Coutet (2016, p. 71) pensa — assim como Roosevelt (1997) e Rostain e Versteeg (2004) — a Tradição Araquinoide como “uma entidade supralocal e macrorregional; uma ampla esfera de interação, onde grupos culturais se uniram em uma complexa rede de trocas de mercadorias, pessoas, técnicas e ideias”. Por causa da uniformidade recorrente da cultura material na Tradição Araquinoide, estas sociedades poderiam ter tido uma origem comum, que, para Rostain (2016), é nas Guianas e, para Roosevelt (1997), é no Baixo Amazonas.

Na chamada Tradição Xinguana, a fase Ipavu (700 AD) seria uma expressão da Tradição Inciso-Ponteadada no alto Xingu e estaria relacionada à migração de povos indígenas provenientes do Orinoco nas cabeceiras do Rio Xingu (BECQUELIN, 2000; TONEY, 2016). Caracterizada pelo adensamento populacional, a fase Ipavu seguiria até aproximadamente 1250 AD, com aldeias imbuídas de praças centrais, evidenciando, deste modo, a complexidade social no Alto Xingu durante esse período. A principal característica desta fase é a utilização do cauixi como antiplástico. Toney (2016) reconhece que a origem dos povos que utilizaram o cauixi estaria na fase Corozal, no Orinoco, corroborando a tese de Roosevelt (1997). As principais características Araquinoide desta fase são: 1) Uso abundante do cauixi, mas o caraipé também aparece em menor escala; 2) Vasilhames pequenos e com paredes finas; 3) Vasilhames globulares; e 4) Modelados zoomorfos cujos olhos são formados por um círculo e um ponteadado. Pelo fato de os Karib proto-históricos terem habitado a região do Lago Tafununu, próximo dos sítios da fase Ipavu, Toney (2016) pensa numa possível origem Karib para essa fase arqueológica. O adensamento populacional teria sido provocado pela produção de alimentos baseada no cultivo de mandioca.

No entanto, a mais conhecida fase da Tradição Inciso-Ponteadada no Brasil corresponde à fase Santarém, localizada na cidade homônima (GOMES, 2016; ROOSEVELT, 2017). Para Gomes (2016), Santarém está datada em 1000 AD; Roosevelt (2017) pensa numa ocupação um pouco mais tardia, cerca de 1200 AD. Embora as formas cerâmicas sejam diferentes das estearias, temas como a transformação corporal envolvendo a metamorfose dos xamãs estão presentes em ambas as culturas, como vêm sustentando Gomes (2016, 2017, 2022), Navarro (2021) e Navarro e Prous (2020).

Dentro de uma perspectiva regional, a estearia do Formoso, como se disse no início dessa seção, apresenta as características tecnológicas cerâmicas semelhantes às das estearias do Turiaçu. As formas dos vasilhames e o típico apêndice mamiforme são os mesmos. No entanto, a decoração plástica, constituída em sua maioria por apêndices zoomorfos e antropomorfos, aplicados no bojo da cerâmica, foi modelada de forma diferente. Esta consiste no repuxamento do modelado até o lábio do vasilhame, formando um abaulamento interno na peça, arrematada por uma borda cambada; esta tecnologia está ausente nos demais assentamentos do Turiaçu. Chama a atenção, também, a grande quantidade de apêndices antropomorfos nos vasos do Formoso, com traços corporais caracterizados por incisões e ponteadados; estes são inexistentes nos assentamentos do Turiaçu. São estes traços tecnológicos que reforçam o Formoso como uma fase da Tradição Inciso-Ponteadada. À diferença dos sítios do Turiaçu, quanto

à decoração pintada, as linhas pretas dos vasos do Formoso são mais grossas e, dentro delas, na seção em que os ganchos se encontram, há o desenho de alguns pontos também pintados de preto, arranjo inexistente no Turiaçu (Figura 7). Além disso, os campos decorativos das vasilhas do Formoso foram realizados com menor controle do pincel e menor rigidez técnica, e a tinta vermelha foi bem menos aplicada.

Segundo Maria Costa e Malhano (1986), em geral, as aldeias indígenas são de três tipos: circulares, retangulares e lineares. Quanto ao padrão de assentamento do sítio do Formoso, este parece não encontrar precedentes na literatura antropológica e arqueológica relatadas até o presente. Tampouco apresenta semelhanças com as demais estearias mapeadas até hoje (NAVARRO, 2018a, 2018b), sendo seu padrão caracterizado por um conjunto oriental, formado por um conjunto retangular, e outro, ocidental, constituído, claramente, por um arranjo circular com um núcleo. Esse arranjo forma uma grande aldeia de 300 m, conectada por pontes de esteios que ligam o Grupo 1 ao Grupo 13, evidenciando, assim, uma dinâmica socioespacial que unifica os dois setores da aldeia.

Na Amazônia, exemplos de aldeias circulares são as do Alto Xingu, que têm uma praça central e malocas dispostas circularmente a ela (COSTA; MALHANO, 1986; WÜST; BARRETO, 1999). As aldeias lineares podem ser encontradas entre os Karajá no Araguaia (Meggers, 1976); entre os Omágua do Japurá até o Coari e Purus, afluentes do Amazonas (Porro, 1993, 2017); e entre os Tukano da Colômbia (Reichel-Dolmatoff, 1971).

Na estearia do Formoso, chama a atenção o setor circular da aldeia por se tratar de um arranjo inédito, comparado ao padrão das estearias já mapeadas. Estudos mais recentes vêm demonstrando a existência de aldeias circulares na Amazônia pré-colonial para além das lineares, embora seja difícil associar estas formas pelo fato de que os sítios arqueológicos, em geral, apresentam uma única camada de solo mais escuro, i.e., *terra preta* ou *terra mulata*, como evidência de sucessivas ocupações ao longo do tempo (MORAES, Claide, 2010; PESSOA *et al.* 2020). No entanto, em três sítios multicomponenciais estudados por Claide Moraes (2010) na Amazônia Central, identificou-se a formação de montículos habitacionais dispostos circularmente, delimitando um espaço central (seria uma praça cerimonial?), compreendendo as fases Paredão (734 ± 27 AD), (740 ± 40 AD) e Guarita (1260 ± 40 AD).

Iriarte *et al.* (2020), utilizando o Lidar, recentemente documentaram aldeias circulares formadas por montículos no sudeste amazônico, na região do Acre, Brasil, com estradas conectando os diferentes assentamentos. Os autores pensam que estes sítios foram erguidos após o abandono dos geoglifos, ao redor de 950 AD, substituindo essa maneira de organizar o espaço por outro caracterizado por aldeias circulares. Diferentemente do que postulou Claide Moraes (2010), Iriarte *et al.* (2020) interpretam essas aldeias como igualitárias, semelhantes àquelas construídas no Brasil Central.

Aldeias circulares são o tipo padrão do Alto Xingu devido às intensas trocas culturais entre os grupos da região, como os Yawalapiti e Menihaco (tronco Aruak), Kamayurá (Tupi) e Kalapalo (Karib). O comércio, o compartilhamento ritual e o matrimônio intertribal foram os responsáveis por essa homogeneização cultural xinguana, ainda que cada grupo mantenha sua diferenciação quanto à cultura material e à língua (SÁ, 1983). Esse sistema de integração inter-regional também aparece no registro arqueológico, em que Heckenberger (2005) identificou vários assentamentos multiétnicos dos antepassados Kuikuro, Kalapalo e Matipu, a maioria do tronco linguístico Karib. Segundo o autor, o início da ocupação da região teria ocorrido em 900 AD por um grupo Arawak.

Por conta do tamanho das aldeias, o autor postulou a existência de uma hierarquia social das aldeias, propondo a existência de chefias regionais ou cacicados.

Com relação à Baixada Maranhense, as etnias que nela vivem pertencem ao tronco Tupi e Macro-Jê. Do primeiro tronco, depreendem-se os Guajajara ou Tenetehára, que atualmente vivem nos cursos dos Rios Pindaré, Mearim e Grajaú. Do segundo tronco, surge uma miríade de povos que falam a língua timbira e que preferiram a região do Cerrado maranhense, ocupando as terras ao longo do Rio Itapecuru, a leste e sul do estado do Maranhão, sendo conhecidos genericamente como Timbira, os Orientais, que são a maioria, como os povos Canela Ramkokamekrá, Gavião, Krahô e Krikati, e os Ocidentais, representados pelos Apinayé (CROCKER; CROCKER, 2004; MATTA, 1976; MELATTI, 2007; NIMUENDAJÚ, 1946).

Relatos dos séculos XVII e XVIII dão conta da existência de povos do tronco Tupi e Macro-Jê na região do vale do Pindaré e Mearim, onde estão localizadas as estearias, sendo mais recorrente a presença de grupos indígenas do segundo tronco, como os Guaná, Arayó, Coroatá e principalmente os Gamella (NIMUENDAJÚ, 1937). Os Gamela de Codó, que viviam em aldeias circulares, foram exterminados em 1856, e os de Penalva, no início do século XX, embora tenham reaparecido na região de Penalva sob um processo de etnogênese (ALENCASTRE, 1857). Em 1747, estavam no Rio Mearim e, portanto, na região lacustre da Baixada Maranhense, desde Bacabal até Grajaú. No final do século XVIII, abandonam o Baixo Pindaré, deslocando-se para o noroeste da Baixada, na região dos lagos, onde já estavam os jesuítas evangelizando forçadamente os grupos Guajajara, sobretudo na antiga cidade de Maracu (hoje Viana/MA) e Monção/MA. Em 1796, há menção de uma aldeia Gamela às margens do Rio Cajari, onde estão localizadas várias estearias. Nimuendajú (1937, p. 66), inclusive, menciona os trabalhos de Raimundo Lopes, que teria encontrado “vestígios de uma antiga moradia de palafitas com traços de uma cultura remanescente do vale do Amazonas”, mas não faz nenhuma associação com os grupos indígenas que viviam às margens do Lago Cajari, Guajajara e Gamela. No entanto, a cultura material e formas de construir as habitações dos grupos Gê não encontram semelhanças com as produzidas pelos povos das estearias, tampouco os grupos Gê viveram em palafitas, até onde atualmente se sabe.

Nesse sentido, nosso olhar se volta novamente para a Venezuela e a região de Arauquín. Kidder II (1948) já chamava a atenção para a semelhança da série Arauquinoide com os sítios da Amazônia brasileira — a Fase Noroeste, por exemplo, que se estabeleceu a oeste do Lago Valencia, na bacia do Rio Maracaibo, e ao norte das terras altas andinas. Na região de Quibor, no Lago Valencia, predominou uma pintura cerâmica caracterizada pelo conjunto de traços lineares formando ganchos ou espirais de cor preta, muito semelhante com as da estearia do Formoso. É importante salientar que, nessa região da drenagem do Lago Maracaibo, os espanhóis encontraram vários grupos de língua Arawak (Caquetío) e Karib (Quiriquire), que ocuparam a Costa Atlântica, especialmente a península de Paraguaná e as ilhas de Aruba e Curaçao (ORAMAS, 1917). Alguns destes povos viviam em palafitas, até o Delta do Orinoco, onde europeus cunharam o nome de pequena Veneza ao país, que posteriormente viria a ser chamado de Venezuela.

O colonizador espanhol Gonzalo Fernández Oviedo y Valdés, que participou das expedições de Conquista no Caribe, relatou que:

Y en toda esta laguna á la redonda del estrecho della adentro, están muchas poblaciones de pueblos pequeños y medianos de indios, quo llaman onotos y guiriguiris [*Quiriquire, nota do autor*], los quales viven dentro del agua sobre *barbacoas* [palafitas, nota do autor]

é buhíos de madeira altos, que debaxo dellos andan y pasan canoas. (OVIEDO Y VALDÉS, 1852 [1535], p. 301).

Os cronistas disseram que foram três as razões para viver nos lagos: evitar mosquitos, proteger-se de inimigos e capturar os peixes e mariscos mais facilmente. Era difícil chegar às aldeias, que ficavam escondidas em meio aos canais com plantas aquáticas. As aldeias eram dispostas linearmente, sendo que as casas davam de frente para as outras do lado oposto, conectadas por uma ponte. Os Jirajara e os Caquetío construíam de dois a quatro agrupamentos lineares, e entre eles cultivavam plantas comestíveis com a finalidade de preencher o espaço e não serem atacados por animais perigosos. As casas eram retangulares, feitas de esteios de palmeiras, havendo também uma casa para o xamã. Parece ser que essa região do lago Maracaibo era multiétnica, onde viviam tanto povos Arawak e Karib em palafitas, assim como foi multiétnico o Alto Xingu e também parece ter sido a Baixada Maranhense.

Nesse sentido, o objetivo de apresentar os dados de aldeias circulares em uma ampla dispersão territorial na Amazônia teve como objetivo levantar hipóteses para o entendimento da aldeia do Formoso e sua porção circular. Além disso, possibilitou um distanciamento da filiação dos povos das estearias com os grupos Tupi e Gê, uma vez que nem a forma de construir as aldeias e muito menos a cultura material são semelhantes entre estes grupos.

CONCLUSÃO

Este artigo apresentou os resultados da análise da cultura material e do espaço compreendido pela estearia do Formoso, localizado na Baixada Maranhense. O estudo do material cerâmico evidenciou uma tecnologia compartilhada pelos grupos humanos da Tradição Inciso-Ponteada/Arauquinoide. Já a distribuição espacial do assentamento identificou 14 grupos de esteios divididos em dois setores: um mais oriental, com disposição linear, e outro mais ocidental, circular. Embora a cultura material seja mais ou menos uniforme entre os conjuntos, a presença de cerâmicas que evocam a transformação corporal através do xamanismo, no setor oriental, sugere este como um espaço mais ritualístico; enquanto cerâmicas mais utilitárias e a presença de grande quantidade de lâminas de machado e material lítico no espaço circular indicam um espaço utilizado em atividades mais residenciais. Apliques antropomorfos nos lábios e bojo dos vasos cerâmicos, emulando que estes seres estão emergindo do fundo da vasilha, remetem ao conceito de vasos-corpos (Barreto, 2013; Gomes, 2017), atualmente bastante discutido na Arqueologia da Amazônia e associados ao xamanismo. Estes também foram identificados na estearia do Formoso e são exclusivos do setor oriental.

Os 3.218 esteios indicam uma aldeia palafítica de grandes proporções construída dentro do lago do Formoso. As datações radiocarbônicas indicaram que a maioria dos conjuntos de esteios são contemporâneos. A possível ponte de esteios que liga o conjunto 2 ao conjunto 13 indica a circulação de indivíduos entre os dois setores do assentamento. A grande quantidade de modelados zoomorfos pode indicar tanto uma captação de recursos de animais na paisagem circundante para seu consumo como a sua proibição, i.e., tabu, conforme indicou Roosevelt (1997) para a cerâmica Arauquinoide.

Em recente artigo, Caio Moraes *et al.* (2021) demonstraram, a partir de dados polinísticos, que, em torno de 500 AD, os grupos humanos que se estabeleceram no Formoso modificaram de forma acentuada a paisagem local, manejando a produção de coco babaçu, possivelmente utilizado como combustível para o consumo de

alimentos, e que foram encontrados em abundância na superfície do leito do Lago do Formoso. Antes de 500 AD, o coco babaçu não era predominante na região do Formoso, como atestaram os estudos polinísticos no referido artigo. A presença desses grupos no sítio foi longa, findando por volta do ano 1000 AD. São, portanto, pelo menos quatro séculos de ocupação do assentamento, que deve ter passado por reformulações arquitetônicas para a manutenção e possível substituição de esteios que poderiam se degradar ao longo do tempo.

A presença de humanos no sítio desde o ano de 500 AD coloca uma questão teórica e metodológica difícil de resolver quanto à origem da Tradição Inciso-Ponteadada/Arauquinoide. Este estudo sugere que os povos desta tradição já estavam presentes na Baixada Maranhense quando de sua suposta origem na Venezuela em data homônima. Estudos futuros poderão decantar melhor os dados no que tange à origem desta grande tradição. De toda forma, é necessário considerar a estearia do Formoso como uma fase da Tradição Inciso-Ponteadada. Da mesma forma, será necessário investigar as possíveis relações com Santarém, este um assentamento um pouco mais tardio do que as estearias. Muiraquitãs foram encontradas em ambas as culturas — um deles, recuperado no Lago Cajari, muito próximo ao Formoso, é similar a um exemplar recuperado em Santarém (NAVARRO; PROUS, 2020). As estearias também participaram destas redes de esfera de interação de pedras verdes características do Baixo Amazonas e do Caribe (BOOMERT, 1987; NAVARRO; PROUS, 2020; NAVARRO *et al.*, 2017). É provável que o Maranhão seja a fronteira geográfica mais oriental da expansão da Tradição Inciso-Ponteadada/Arauquinoide.

Sítios Arauquinoides nas Guianas e Suriname geralmente estão associados a montículos com aldeias circulares em meio a uma paisagem de campos elevados (COUTET, 2011; ROSTAIN, 2010). O Formoso possui uma sessão circular; campos elevados talvez fossem desnecessários porque os povos das estearias viveram dentro de grandes corpos d'água, de onde poderiam retirar proteína dos peixes para se alimentar. Nesse sentido, a paisagem lacustre é diferente daquela dos canais de campos elevados. Os montículos foram desnecessários, pois as palafitas cumpriam a função de sustentação das aldeias em meio à paisagem dos lagos. Por outro lado, casas de palafitas foram mais comuns na região de Arauquín do que na Costa Atlântica do Suriname e das Guianas, onde os campos elevados também inexistem. Povos Arauquinoides da Venezuela podem ter construído habitações sobre palafitas nas regiões alagadas do Orinoco, estas descritas repetidamente entre os cronistas europeus à época da invasão. Assim, pode ser questão de tempo para que os arqueólogos as encontrem.

Por fim, estudos futuros poderão estabelecer as possíveis relações entre os grupos contemporâneos que habitaram a estearia do Formoso, na bacia dos Rios Pindaré e Mearim, e aqueles que habitaram a bacia do Turiaçu, mais ao norte da Baixada Maranhense. A forma da aldeia do Formoso e o uso de bordas cambadas nas vasilhas cerâmicas são exclusivos deste sítio. Formas polícromas comuns aos sítios do Turiaçu, como a cor vermelho vivo do sítio Armíndio, são pouco expressivas na estearia do Formoso.

Com respeito ao tipo de relação sociopolítica que estes diferentes grupos mantiveram, ainda é incipiente afirmar se era amistosa ou não. A ausência de vestígios materiais associados à guerra até o momento não indicaria uma relação amistosa entre os povos das estearias destas diferentes bacias hidrográficas. A etnologia sul-americana nos fornece muitos exemplos de sociedades indígenas que não deixaram vestígios materiais de conflito, mas que o praticaram na forma de predação de inimigos, como os Kayapó, os Parakanã e os Yanomami (FAUSTO, 2001; FERGUSON, 1995;

LÉVI-STRAUSS, 1976; VIVEIROS DE CASTRO, 1995). No entanto, algumas diferenças marcantes da cultura material entre estes sítios evidenciam que os grupos humanos que ocuparam as estearias do Pindaré-Mearim e as do Turiaçu podem não ter sido da mesma filiação linguístico-cultural. Talvez tenha existido uma fronteira cultural entre os grupos do norte e os do sul, que puderam ser inimigos, mas que interagiram através de esferas sociais como matrimônio e comércio, cada qual respeitando suas formas de produzir os artefatos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à Profa. Dra. Anna C. Roosevelt, da University of Illinois Chicago, pelo incentivo em escrever este artigo e pelo acesso a sua biblioteca. Ao Prof. Dr. Stéphen Rostain pelo convite em realizar estudos na Universidade de Paris I Panthéon-Sorbonne. Agradeço ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) pela autorização e renovações da coleta arqueológica através do processo 01494.000442/2013-37. À Fullbright Commission pela bolsa concedida na modalidade Visiting Professor Award na University of Illinois Chicago. Às instituições onde pesquisei: Smithsonian Institution (Washington), Penn Museum (Filadélfia) e American Museum of Natural History (Nova York). À Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Maranhão (Fapema), pela concessão de diversos editais que fomentaram as pesquisas das estearias. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa de produtividade (processo 303620/2021-8). A Mayara Rocha, pela confecção dos desenhos; ao Prof. Dr. Jorge Parga, pela elaboração do mapa do Formoso em estação total; e a Karla Bianca da S. Oliveira, pela confecção e ajustes deste mapa. Ao Prof. Francisco Oliveira, colaborador do projeto na cidade de Penalva/MA, e a toda a comunidade local e de pescadores, além dos estagiários do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Maranhão (Larq-UFMA), que ajudaram no mapeamento do sítio do Formoso. Um agradecimento especial a Helder Bello de Mello, museólogo que organizou a coleção do Formoso no Larq-UFMA. Aos comentários dos pareceristas que enriqueceram a discussão e o formato final do manuscrito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB'SABER, Aziz N. *Brasil: paisagens de exceção: o litoral e o pantanal matogrossense: patrimônios básicos*. Cotia: Ateliê, 2006.
- ALENCASTRE, José M. P. de. Memoria chronologica, historica e corographica da Provincia do Piauhy. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, v. 20, p. 5-164, 1857.
- ARAÚJO, Naíla A. de et al. Os mitos do lago Formoso em Penalva, Baixada Maranhense: uma estratégia de conservação que desaparece. *Revista Pós Ciências Sociais*, v. 12, n. 24, p. 277-300, 2015.
- ARNOLD, D. E. *Ceramic Theory and Cultural Process*. Cambridge (GB): Cambridge University Press, 1985.
- BARRETO, Cristiana. Corpo, comunicação e conhecimento: reflexões para a socialização da herança arqueológica na Amazônia. *Revista de Arqueologia*, v. 26, n. 1, p. 112-129, 2013.
- BECQUELIN, P. Recherches archéologiques dans le Haut Xingu, Mato Grosso, Brésil. *Journal de la Société des Américanistes*, v. 86, p. 9-48, 2000.
- BLACK, Francis L. et al. Failure of linguistic to predict genetic distances between the Waiãpi and other tribes of Lower Amazonia. *American Journal of Physical Anthropology*, v. 60, p. 327-335, 1983.

- BOOMERT, Arie. Gifts of the Amazons: "green stone" pendants and beads as items of ceremonial exchange in Amazonia and the Caribbean. *Antropologica*, v. 67, p. 33-54, 1987.
- COSTA, Karina S. P. *et al.* Estudo da potencialidade hídrica da Amazônia maranhense através do comportamento de vazões. In: MARTINS, Marlúcia B.; OLIVEIRA, Tadeu G. de (org.). *Amazônia maranhense: diversidade e conservação*. Belém: MPEG, 2011. p. 71-89.
- COSTA, Maria H. F.; MALHANO, Hamilton B. Habitação indígena brasileira. In: RIBEIRO, Darcy (ed.). *Suma etnológica brasileira*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986. v. 2, p. 27-94.
- COUTET, Claude. *Archéologie du littoral de Guyane: une approche technologique de la céramique amérindienne*. Saarbrücken (DE): Universitaires Européennes, 2011.
- COUTET, Claude. La Tradición Arauquinoíde de la Guyana Francesa: los complejos Barbakoeba y Thémire. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena P.; BETANCOURT, Carla J. (org.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: Iphan: Ministério da Cultura, 2016. p. 75-90.
- CROCKER, William H.; CROCKER, Jean G. *The Canela: Kinship, Ritual, and Sex in an Amazonian tribe*. 2. ed. Belmont (US): Wadsworth, 2004.
- CRUXENT, José M.; ROUSE, Irving. *An Archaeological Chronology of Venezuela*. Washington, DC (US): Pan American Union, 1958-1959. 2 v.
- DANIEL, João. *Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004 [1174-1776]. 2 v.
- D'ABEVILLE, Claude. *História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*. Brasília, DF: Senado Federal, 2008 [1614]. (Edições do Senado Federal, 105).
- D'ÉVREUX, Yves. *Continuação da história das coisas mais memoráveis acontecidas no Maranhão nos anos 1613 e 1614*. Brasília, DF: Senado Federal, 2008 [1615]. (Edições do Senado Federal, 94).
- FARIAS FILHO, Marcelino S. Histórico de ocupação e evolução dos aspectos humanos da microrregião da Baixada Maranhense. In: NAVARRO, Alexandre G. (org.). *A civilização lacustre e a Baixada Maranhense: da Pré-História dos campos inundáveis aos dias atuais*. São Luís: Café e Lápis: Edufma, 2019. p. 69-87.
- FAUSTO, Carlos. *Inimigos fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia*. São Paulo: Edusp, 2001.
- FERGUSON, Richard B. *Yanomami warfare: a political history*. Santa Fe (US): School of American Research Press, 1995.
- FRANCO, J. R. C. *Segredos do rio Maracu: a hidrogeografia dos lagos de reentrâncias da Baixada Maranhense, sítio Ramsar, Brasil*. São Luís: Edufma, 2012.
- GOMES, Denise M. C. *Cerâmica arqueológica da Amazônia: vasilhas da coleção Tapajônica MAE-USP*. São Paulo: Edusp: Fapesp, 2002.
- GOMES, Denise M. C. Images of Transformation in the Lower Amazon and the Performativity of Santarém and Konduri pottery. *Journal of Social Archaeology*, v. 22, n. 1, p. 82-103, 2022.
- GOMES, Denise M. C. O lugar dos grafismos e das representações na arte pré-colonial amazônica. *Mana*, v. 22, n. 3, p. 671-703, 2016.
- GOMES, Denise M. C. Politics and Ritual in Large Villages in Santarém, Lower Amazon, Brazil. *Cambridge Archaeological Journal*, v. 27, n. 2, p. 275-293, 2017.
- GUAPINDAIA, Vera Lúcia C. *Além da margem do rio: a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA*. 2008. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

- HECKENBERGER, Michael J. *The Ecology of Power: Culture, Place, and Personhood in the Southern Amazon, A.D. 1000-2000*. New York (US): Routledge, 2005.
- HUGH-JONES, Christine. *From the Milk River: Spatial and Temporal Processes in Northwest Amazonia*. Cambridge (GB): Cambridge University Press, 1979.
- HUGH-JONES, Stephan. *The Palm and the Pleiades: Initiation and Cosmology in Northwest Amazonia*. Cambridge (GB): Cambridge University Press, 1979.
- IRIARTE, José *et al.* Geometry by Design: Contribution of Lidar to the Understanding of Settlement Patterns of the Mound Villages in SW Amazonia. *Journal of Computer Applications in Archaeology*, v. 3, n. 1, p. 151-169, 2020.
- KIDDER II, Alfred. *Archaeology of Northwestern Venezuela*. Cambridge (US): Peabody Museum Press, 1948.
- LATHRAP, Donald W. *The Upper Amazon*. London (UK): Thames and Hudson, 1970.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Guerra e comércio entre os índios da América do Sul. In: SCHADEN, Egon (org.). *Leituras de etnologia brasileira*. São Paulo: Editora Nacional, 1976. p. 325-339.
- LOPES, Raimundo. A civilização lacustre do Brasil. *Boletim do Museu Nacional*, v. 1, n. 2, p. 87-109, 1924.
- LOPES, Raimundo. *Uma região tropical*. Rio de Janeiro: Fon-Fon e Seleta, 1970. (Coleção São Luís, 2).
- MARTINS, Marlúcia B.; OLIVEIRA, Tadeu G. de (org.). *Amazônia maranhense: diversidade e conservação*. Belém: MPEG, 2011.
- MATTA, Robertoda. *Ummundo dividido: a estrutura social dos índios Apinayé*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- MEGGERS, Betty. *Amazônia: a ilusão de um paraíso*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.
- MEGGERS, Betty J.; EVANS, Clifford. An Experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest Area of South America. In: LOTHROP, Samuel K. (ed.) *Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology*. Cambridge (US): Harvard University Press, 1961. p. 372-388.
- MEGGERS, Betty J.; EVANS, Clifford. *Archeological Investigations at the Mouth of the Amazon*. Washington, DC (US): Smithsonian Institution, 1957. (Bureau of American Ethnology Bulletin, 167).
- MELATTI, Julio C. *Índios do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2007.
- MORAES, Caio A. de *et al.* Holocene Coastal Environmental Changes Inferred by Multi-Proxy Analysis from Lago Formoso sediments in Maranhão State, Northeastern Brazil. *Quaternary Science Reviews*, v. 273, 107-234, 2021.
- MORAES, Claide de P. Aldeias circulares na Amazônia Central: um contraste entre fase Paredão e Guarita. In: PEREIRA, Edithe; GUAPINDAIA, Vera (org.). *Arqueologia amazônica*. Belém: MPEG: Iphan, 2010. v. 2, p. 581-604.
- NIMUENDAJÚ, Curt. A habitação dos Timbira. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v. 8, p. 76-101, 1944.
- NIMUENDAJÚ, Curt. *The Eastern Timbira*. Berkeley (US): University of California Press, 1946. (University of California Publications in American Archaeology and Ethnology, 41).
- NIMUENDAJÚ, Curt. The Gamella Indians. *Primitive Man*, v. 10, n. 3/4, p. 58-71, 1937.

- NAVARRO, Alexandre G. As cidades lacustres do Maranhão: as estearias sob um olhar histórico e arqueológico. *Diálogos*, v. 21, n. 3, p. 126-142, 2017.
- NAVARRO, Alexandre G. La anaconda como serpiente-canoa: mito y chamanismo en la Amazonía Oriental, Brasil. *Boletín de Antropología*, v. 36, n. 61, p. 164-186, 2021.
- NAVARRO, Alexandre G. Morando no meio de rios e lagos: mapeamento e análise cerâmica de quatro estearias do Maranhão. *Revista de Arqueologia*, v. 31, n. 1, p. 73-103, 2018a.
- NAVARRO, Alexandre G. New Evidence for Late First-Millennium AD Stilt-House Settlements in Eastern Amazonia. *Antiquity*, v. 92, n. 366, p. 1586-1603, 2018b.
- NAVARRO, Alexandre G. O complexo cerâmico das estearias do Maranhão. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena P.; BETANCOURT, Carla J. (org.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: Iphan: Ministério da cultura, 2016. p. 167-177.
- NAVARRO, Alexandre G.; PROUS, André. Os muiraquitãs das estearias do Lago Cajari depositados no Museu Nacional (RJ): estudo tecnológico, simbólico e de circulação de bens de prestígio. *Revista de Arqueologia*, v. 33, n. 2, p. 66-91, 2020.
- NAVARRO, Alexandre G.; REIS, A. H. C.; OLIVEIRA, W. C. Arqueologia nas fronteiras da Baixada Maranhense: as ocupações pré-históricas dos sítios Boca do Campo e Mearim 01 e possíveis relações com as estearias. *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, v. 8, p. 62-92, 2020.
- NAVARRO, Alexandre G.; ROOSEVELT, Anna C. New Evidence of the Formative in the Amazon: A Stilt Village Culture in Maranhão, Brazil. *Boletín Antropológico*, ano 39, n. 102, p. 196-224, 2021.
- NAVARRO, Alexandre G. *et al.* O muiraquitã da estearia da Boca do Rio, Santa Helena, Maranhão: estudo arqueológico, mineralógico e simbólico. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas*, v. 12, n. 3, p. 869-894, 2017.
- ORAMAS, Luis R. Apuntes sobre arqueología venezolana. In: PAN AMERICAN SCIENTIFIC CONGRESS, 2, 1916, Washington, DC (US). *Proceedings [...]*. Washington, DC (US): Government Printing Office, 1917. p. 138-145.
- OVIEDO Y VALDÉS, Gonzalo F. de. *Historia General y Natural de las Indias, Islas y Tierras-Firme del Mar Océano*. Madrid (ES): Real Academia de la Historia, 1851 [1535].
- PESSOA, Cliverson *et al.* Aldeia circular e os correlatos da ocupação indígena na margem esquerda da Cachoeira de Santo Antônio. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas*, v. 15, n. 2, e20190083, 2020.
- PORRO, Antônio. *As crônicas do Rio Amazonas: tradução, introdução e notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- PORRO, Antônio. *O povo das águas: ensaios de etno-história amazônica*. Manaus: Edua, 2017.
- RAYMOND, J. S. From Potsherds to Pots: A First Step in Constructing Cultural Context from Tropical Forest Archaeology. In: STAHL, P. (ed.). *Archaeology in the Lowland American Tropics: Current Analytical Methods and Applications*. Cambridge (GB): Cambridge University Press, 1985. p. 224-242.
- REICHEL-DOLMATOFF, Gerardo. *Amazonian Cosmos: The Sexual and Religious Symbolism of the Tukano Indians*. Chicago (US): University of Chicago Press, 1971.
- RICE, Prudence M. *Pottery Analysis: A Sourcebook*. Chicago (US): Chicago University Press, 1982.
- ROOSEVELT, Anna C. Early Pottery in the Amazon: Twenty Years of Scholarly Obscurity. In: BARNETT, William K.; HOOPES, John W. *The Emergence of Pottery: Technology and Innovation in Ancient Societies*. Washington, DC (US): Smithsonian Institution Press, 1995. p. 115-131.

- ROOSEVELT, Anna C. Method and Theory of Early Farming: the Orinoco and Caribbean Coasts of South America. *Earth Science Research*, v. 6, n. 1, p. 1-42, 2017.
- ROOSEVELT, Anna C. *Moundbuilders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajo Island, Brazil*. San Diego (US): Academic Press, 1991. (Studies in Archaeology).
- ROOSEVELT, Anna C. *Parmana: prehistoric maize and manioc subsistence along the Amazon and Orinoco*. New York (US): Academic Press, 1980. (Studies in Archaeology).
- ROOSEVELT, Anna C. *The excavations at Corozal, Venezuela: stratigraphy and ceramic seriation*. New Haven (US): Yale University, 1997. (Yale University Publications in Anthropology, 83).
- ROSTAIN, Stéphen. Cacicazgos guyanenses: mito o realidade? In: PEREIRA, Edithe; GUAPINDAIA, Vera (org.). *Arqueologia amazônica*. Belém: MPEG: Iphan, 2010. v. 1, p. 169-192.
- ROSTAIN, Stéphen. La cerámica de las Guayanas. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena P.; BETANCOURT, Carla J. (org.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: Iphan: Ministério da Cultura, 2016. p. 59-74.
- ROSTAIN, Stéphen; VERSTEEG, Aard H. The Arauquinoid Tradition in the Guianas. In: DELPUECH, André; HOFMAN, Corinne L. (ed.). *Late Ceramic Age Societies in the Eastern Caribbean*. London (GB): Archaeopress, 2004. p. 233-250. (British Archaeological Report International Series, 1273).
- ROTH, Walter E. An Inquiry into the Animism and Folklore of the Guiana Indians. *Thirtieth Annual Report of the Bureau of American Ethnology, 1908-1909*, p. 103-386, 1915.
- SÁ, Cristina. Observações sobre a habitação em três grupos indígenas brasileiros. In: NOVAES, Sylvia M. C. (org.). *Habitações Indígenas*. São Paulo: Nobel: Edusp, 1983. p. 103-145.
- SHEPARD, A. *Ceramics for the Archaeologist*. Washington, DC: Carnegie Institution of Washington, 1956. (Publication, 609).
- SILVA JUNIOR, J. S. E.; NAVARRO, Alexandre Guida. Cosmologia e adaptação ecológica: o caso dos apliques-mamíferos das estearias maranhenses. *Revista Antropológicas*, v. 30, p. 203-233, 2020.
- SIMÕES, Mário F. Índice das fases arqueológicas brasileiras: 1950-1971. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1972. (Publicações avulsas, 18).
- TONEY, Joshua. Cerâmica e história indígena do Alto Xingu. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena P.; BETANCOURT, Carla J. (org.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: Iphan: Ministério da Cultura, 2016. p. 235-247.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo (org.). *Antropologia do parentesco: estudos ameríndios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.
- WILLEY, Gordon R. *An Introduction to American Archaeology: South America*. Englewood Cliffs (US): Prentice-Hall, 1971. v. 2.
- WÜST, Irmhild; BARRETO, Cristiana. The Ring Villages of Central Brazil: a challenge for Amazonian Archaeology. *Latin American Antiquity*, v. 10, n. 1, p. 3-23, 1999.